

Teresa Simão

AS TERMAS DA FADAGOSA – sua evolução e ruína

(Separata)

Memórias
das Freguesias
de Santo António,
das Areias e Beirã

IBN MARUÂN – Rev. Cultural de Marvão
N.º Especial 2021, ISBN 978-989-566-040-7,
ISSN 0872-1017, Lisboa, 2021, pp. 215-224

ابن مروان
IBN MARUÂN
Revista Cultural do Concelho de Marvão



100

95

75

25

5

0

Título
**Memórias das Freguesias
de Santo António das Areias e Beirã**
(Número especial 2021 da Revista «IBN MARUAN»)

Edição
Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibri

Coordenação
Jorge de Oliveira (CHAIA / Univ. de Évora)

Cada artigo é da responsabilidade exclusiva dos seus
autores

Design gráfico
Veludo Azul, Audiovisuais e Comunicação Lda.

Depósito legal n.º 479 986/21

ISBN 978-989-566-040-7

ISSN 0872-1017

Marvão, Março de 2021

100

95

75

25

5

0

Teresa Simão



AS TERMAS DA FADAGOSA – sua evolução e ruína

As Termas da Fadagosa, também conhecidas como Fonte Maria Viegas (já que a nascente se localiza num terreno com essa designação), situam-se a cerca de quatro quilómetros da Beirã, perto do

Monte do Pereiro, e a sensivelmente quinhentos metros do rio Sever.

Não dispomos de muita informação sobre o passado e a evolução deste espaço. Para a redação deste artigo, tivemos como principal base a obra *As Aguas Thermaes da Fadagoza*, publicada inicialmente em 1872 e reeditada em 1912 (1). No princípio do século XIX, em 1924, também Possidónio Laranjo Coelho, baseado na obra citada, volta a relembrar o assunto ao dedicar-lhe um capítulo na sua obra *Terras de Odiana* (2), mas não adianta muito mais. Desde então, só alguns artigos, escrituras e testemunhos orais permitiram reconstruir a história desse espaço outrora tão procurado e atualmente tão votado ao abandono.

Presume-se que o aproveitamento dessas águas termais remonte ao período da civilização romana. Nas imediações do local há várias sepulturas que atestam a presença desse povo na região e, segundo um testemunho oral do professor Caria Mendes, uma das inscrições que se encontrava no Museu de Marvão e



Fig. 1: Lápide romana encontrada na Fadagosa

que agora integra o espólio do Museu da Ammaia terá sido recolhida na zona das termas (3). Havendo fixação junto à Fonte Maria Viegas, o mais provável era mesmo o aproveitamento das suas águas.

Nas *Memórias Paroquiais de 1758*, o pároco Manoel Moratto Sanches, a propósito da freguesia de Santo António das Areias, fala de uma fonte com água de enxofre, chamada Fadagosa, situada no sítio de Maria Viegas, onde já acorria gente de diversas terras, inclusive para tomar banhos.

Em 1780, Pimenta Freire informa-nos que foi construída uma arca nessa fonte para melhor se aproveitar o precioso líquido (4).

De acordo com Laranjo Coelho (5), em 1809, Mouzinho da Silveira também se revelou interessado em possuir essas águas e adquiriu terrenos junto delas, pois, nas suas palavras, achou "nas agoas da Fadagoza huma verdadeira mina (...) são optimas para todas as molestias de entranhas e para todos os desajarranjos das mulheres e que curão até hidrophesias". Já nessa altura eram muito procuradas, pois o político refere que muita gente dormia por lá nos campos para as poder tomar e ansiava fazer um balneário para as rentabilizar.

Entretanto as águas foram declaradas públicas. Quer a Câmara Municipal de Castelo de Vide quer a de Marvão pretendiam administrá-las, sendo a segunda a escolhida. Quando regressou de França, Mouzinho da Silveira ainda tentou reverter a situação e ser ele a administrar a fonte que tinha nos seus terrenos, mas a petição que redigiu (6) não teve sucesso.

Na verdade, desde 1780, pouco se fez na Fonte Maria Viegas, pois a Câmara Municipal de Marvão não tinha forma de explorar devidamente as águas. Em 1873, a vereação ainda se sensibilizou com o estado lamentável em que se encontrava aquele espaço e mandou elaborar um projeto de reedificação ao engenheiro civil João Emygdio da Silva Dias. Como o município não tinha verbas, pediu apoio ao poder central, mas não lhe foi concedido. Ao que parece, já nessa altura as localidades do interior eram muito esquecidas.



Fig. 2: Recorte de um panfleto sobre as termas que ilustra o seu enquadramento na paisagem (anos 20, séc. XX)

Não podendo dar continuidade ao projeto, em 1883, foi deliberado em reunião camarária vender em hasta pública a posse das águas e das ruínas, mas só em 1885 essa venda se concretizou. Concorreram dois interessados, nomeadamente Augusto da Fonseca Coutinho e António de Mattos Magalhães. Este último concretizou o negócio por 150\$000 reis.

Assim, coube a António Magalhães a árdua tarefa de recuperar a Fadagosa da enorme ruína em que se encontrava. Segundo o novo dono, o estado de degradação era tal que a água apenas gotejava e as poucas instalações estavam completamente destruídas. Nas suas palavras, "Era horrível a condenação que pesava sobre as águas da Fadagoza" (7).

Até essa altura, as pessoas que procuravam as águas medicinais, como não tinham onde se acomodar, dormiam ao relento nas imediações da fonte. Na verdade, tinham de ter um poder curativo mesmo muito grande para tanta gente as procurar e se sujeitar a essa falta de condições.

Passado pouco tempo de ter adquirido as termas em sociedade e de já as estar a melhorar, o sócio de Mattos Magalhães abandonou o projeto, havendo mais essa contrariedade. Ainda assim, o proprietário não desistiu e levou a cabo o seu sonho, transformando um espaço em ruínas num local de referência no seu tempo.

Na época balnear de 1887, o complexo termal já arrancou com muito melhores condições, embora só as básicas. Os melhoramentos foram graduais até terem oferta para as 1^a, 2^a e 3^a classes.



Fig. 3: Panfleto informativo das termas

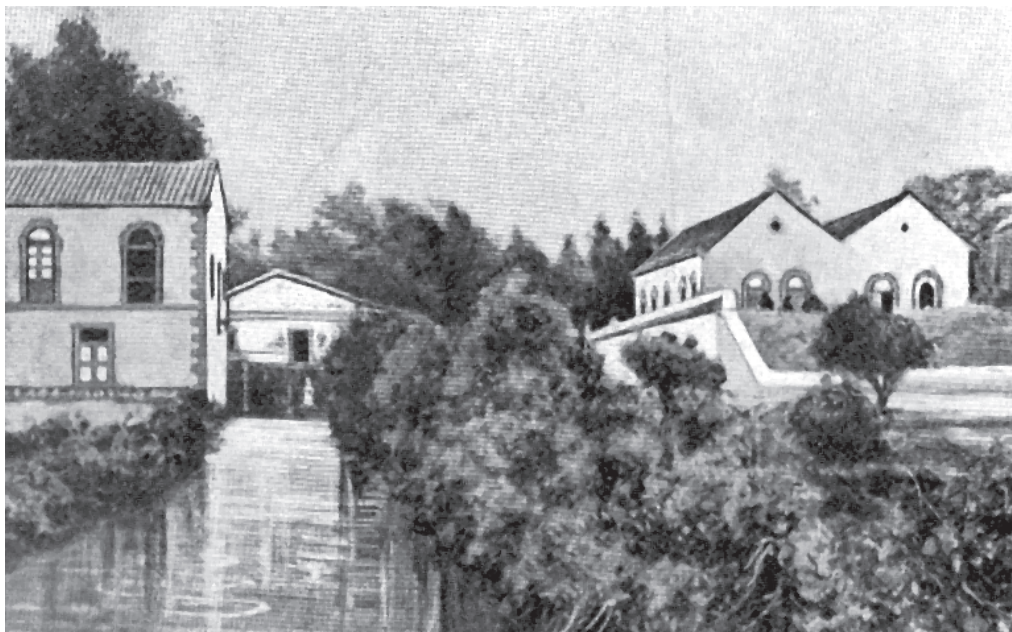


Fig. 4: Vista geral das termas (lado norte) (anos 20, séc. XX)



Fig. 5: Pormenor das termas da Fadagosa (anos 20, séc. XX)

Segundo o relatório de Pimenta Freire, o médico da estação termal, o "balneario acanhado e em ruínas, dispondo apenas de algumas tinas de granito em quartos sem o minimo conforto (...) entallado e perdido n'um estreito valle em que até parecia faltar o ar" (8) veio a dar lugar a um amplo espaço, de bons ares, onde existiam um balneário, um hotel, casinos, um buvette e outras construções. Esta descrição é corroborada por algumas imagens da altura que chegaram até nós.



Fig.6: Zona do hotel e dos banhos

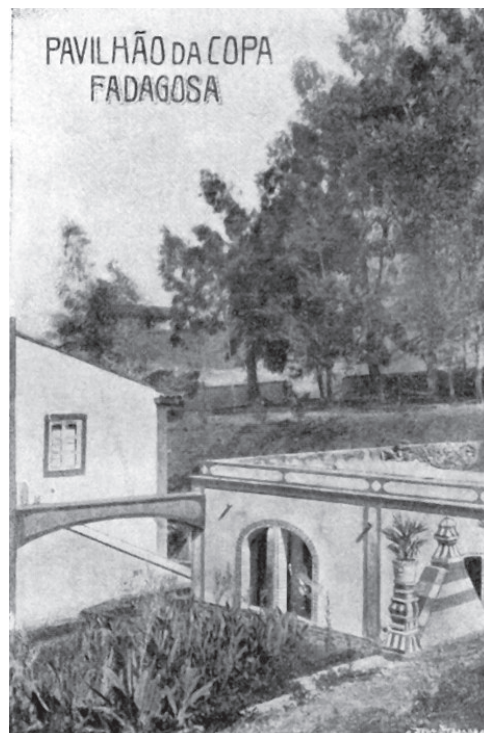


Fig. 7: Pavilhão da Copa



Um aspecto da instalação das aguas medicinaes de Fadagosa de Marvão

Fig. 8: Pormenor do exterior das termas da Fadagosa



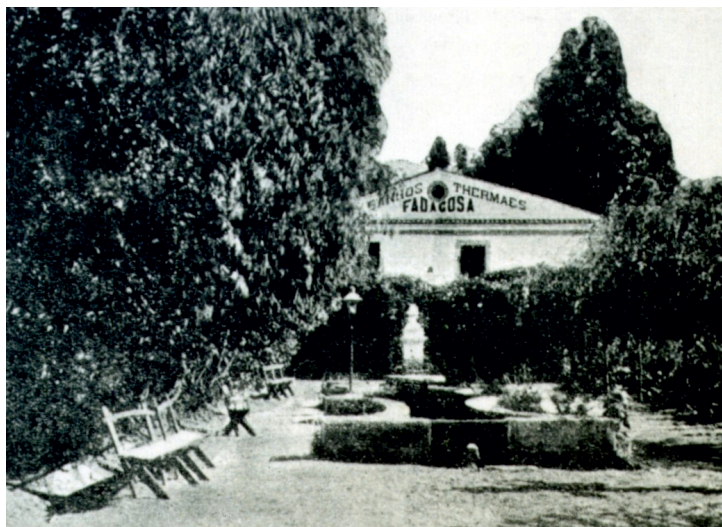


Fig. 9: Recanto das termas da Fadagosa (anos 20, séc. XX)

Para além de todas as melhorias já elencadas, o Dr. Matos Magalhães também promoveu a exploração de várias nascentes, chegando a obter um caudal de 35000 litros em vinte e quatro horas.

Segundo Freire, em 1891, quando as águas foram analisadas, eram límpidas, com cheiro e sabor levemente sulfurosos, emanando à temperatura de 22°, e foram classificadas como frias, hipossalinas, bicarbonatadas, sódicas, sulfídricas, siliciosas e férreas. Na generalidade, eram recomendadas para o reumatismo, a escrofulose, o linfatismo, doenças de pele e mucosas, doenças de estômago, fígado e intestinos, anquiloses, úlceras, entre outras. Segundo o analista Joaquim dos

Santos e Silva, essas águas eram do mesmo tipo das de Vizela, Moledo e Felgueira, sendo as das Caldas da Felgueira as mais parecidas.

Tal como evidencia o panfleto, esta estação termal funcionava de 01 de julho a 30 de setembro. O hotel tinha capacidade para cento e cinquenta banhistas, distribuídos por cinco edifícios independentes, e admitia clientes de primeira, segunda e terceira classes, estando assim ao alcance de uma larga franja da população. Sabemos também que, para além dos portugueses, estas termas eram muito frequentadas por espanhóis; não só os das localidades da raia, mas de todo o país vizinho. Aliás, a distância



Fig. 10: Pormenor de uma toalha utilizada nas Termas da Fadagosa (anos 20/30, séc. XX)

dos aquistas era compensada pela Companhia dos Caminhos de Ferro, que praticava preços reduzidos para os seus frequentadores. Numa época mais recente, a distância entre a Beirã e a Fadagosa era percorrida numa carrinha.

Mesmo que houvesse alguma publicidade, o que melhor funcionava para atrair os clientes era o "passa a palavra" relativamente aos poderes curativos que as águas da Fonte Maria Viegas tinham. Muitos testemunhos abonatórios ficaram de gente que melhorou ou mesmo se curou das suas maleitas, bem como de médicos que por lá passaram.



Fig. 11: Um copo usado como lembrança das Termas da Fadagosa (10) (anos 20, séc. XX)

Durante o período de funcionamento, para além dos tratamentos no balneário, do alojamento no hotel e refeições no restaurante, os aquistas (maioritariamente de nacionalidade espanhola) podiam contar com salões de baile e casinos, o que lhes proporcionava uma aprazível estadia. Também as gentes da Beirã participavam em algumas festas que aí tinham lugar.

O Dr. Matos Magalhães conseguiu elevar as termas e torná-las uma referência no seu tempo, mas, para quem vinha de fora, muito mais havia a fazer. No artigo "Termas da Fadagosa", presente no *Album Alentejano: distrito de Portalegre* (11), o médico Alberto Carrasco Guerra descreve-nos como eram as termas vinte anos antes, ou seja, por volta de 1910. Na opinião desse jovem médico que concorrera a um anúncio do Diário de Notícias para vir gerir as termas, as águas eram efetivamente de uma qualidade superior e conseguiam verdadeiros milagres na cura do reumatismo, nas doenças de pele e nas patologias gástricas, mas as instalações eram muito precárias e primitivas para aquele fim. Segundo ele, eram "Edifícios pobres, instalações rudimentares", frequentadas maioritariamente por espanhóis raianos, trabalhadores do campo, gente inculta e só em 1ª e 2ª classes havia algumas pessoas cultas que preferiam a excelência das águas ao luxo de outras estâncias termais.

Em 1918 (12), o complexo termal passou para a posse de D. Maria Teresa Fraústo de Magalhães, D. Maria Luíza da Câmara Horta e Costa e António de Magalhães Fraústo, mas entretanto foi decaindo. A crise económica provocada pela primeira grande guerra e acentuada pela guerra civil espanhola gerou uma menor procura por parte dos banhistas, ficando o espaço paulatinamente ao abandono.

Em 1938, mais concretamente a 2 de dezembro, João Nunes Sequeira adquiriu as termas. A aquisição fez-se por 32500\$00, sendo os anteriores proprietários Dona Maria Luíza Horta e Costa Correia Martins e marido (Vasco

José Correia Martins), detentores de uma sexta parte, e Dona Lucrecia de Magalhães Fraústo e sua filha, Dona Maria Emília de Magalhães Fraústo, as quais detinham as restantes cinco partes. Nessa altura, o complexo já estava muito decadente.

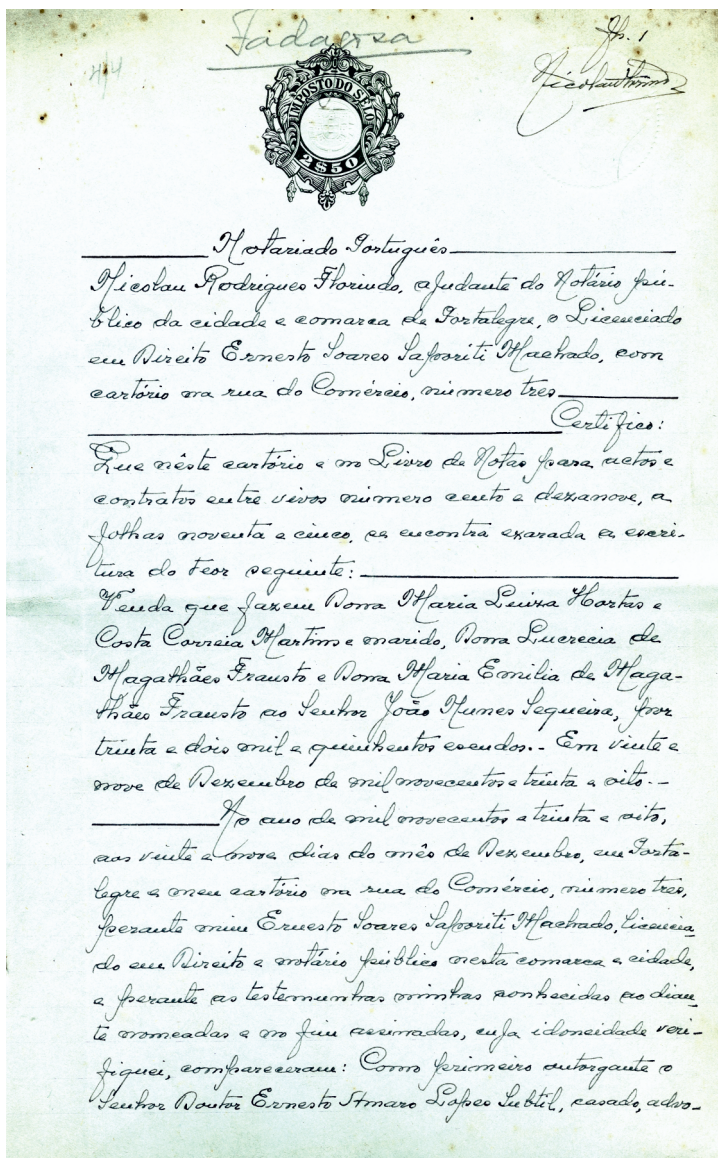


Fig. 12: Primeira folha da escritura da venda da Fadagosa a J. N. Sequeira

Na década de cinquenta do século passado, quem geria o dia-a-dia das termas era o funcionário da Casa Sequeira Manuel Barradas. Entre outras coisas, a ele cabia a tarefa de aquecer as caldeiras para os banhos e garantir os serviços mínimos.

Em 1953, quando José Maria Gavanha decidiu estabelecer-se na Fadagosa e aí dar continuidade à taberna e mercearia da Ti Maria da Glória, as termas ainda funcionavam, mas já com pouca gente. Apesar disso, esses estabelecimentos comerciais ainda singraram por muitos anos, pois tinham pouca concorrência e o dono facilitava o pagamento aos seus clientes. Ou seja, ia anotando o que levavam e, no final do mês, é que lhe pagavam. Como a maior parte deles trabalhava na Casa Sequeira, no final do mês, deslocava-se lá à contabilidade e os valores anotados eram logo descontados nos ordenados dos funcionários, o que lhe garantia não ficar com dívidas. Por aí se manteve durante vinte e oito anos, até 1981, altura em que o local já estava mesmo inativo e despovoado. Há algum tempo que não havia turistas, apenas algumas pessoas por lá passavam a apanhar água.

Em finais da década de 50 as termas já não funcionavam e, em 1971, foram declaradas abandonadas (13).

Com a abertura das fronteiras, em 1993, fechou também o Posto da Guarda Fiscal que existia na Fadagosa. Mais tarde, foi comprado por João Gonçalves da Paz Sanches.

Passados cerca de cento e vinte anos desde que Mattos Magalhães adquiriu este espaço termal, o panorama de ruína que agora encontramos também é desolador.

Como se pode constatar na foto, há muito que as silvas e demais vegetação ocuparam o espaço, os telhados começaram a ruir, os atos de vandalismo deterioraram ainda mais o que já estava mal, enfim, um cenário que não deixa qualquer pessoa indiferente e nos leva a perguntar porque será



Fig. 13: Pormenor da ruína de um dos edifícios da Fadagosa

que não há ninguém corajoso no século XXI que rentabilize as potencialidades daquelas águas sulfurosas que tantos milagres operaram ao longo dos anos. Para além dos benefícios ao nível da saúde que daí adviriam, o reerguer desse espaço turístico outrora tão procurado também seria muito importante para a economia do concelho de Marvão.

Notas

¹Cf. *Marvão – A Estação Thermal da Fadagoza. Época balnear de 1911 (Julho, Agosto e Setembro)*.

²Cf. COELHO 2001.

³Em 1962, na *Revista de Guimarães*, Afonso do Paço e D. Fernando de Almeida falam de inscrições romanas do concelho de Marvão e reportam-se a essa, mas não indicam o local exato da sua recolha, apenas referem que foi encontrada "perto da vila" de Marvão. Cf. PAÇO 1962, p.149.

⁴Cf. FREIRE 1912: 7.

⁵Cf. COELHO, 2001: 396.

⁶Cf. a transcrição da petição em COELHO, 2001:398-401 ou FREIRE 1912: 46-48.

⁷Cf. FREIRE 1912, 52.

⁸Cf. FREIRE 1912:5.

⁹Cf. FREIRE 1912: 7-8.

¹⁰Neste momento integra o espólio do Museu de Marvão.

¹¹Cf. GUERRA, Alberto, p.818.

¹²Informação obtida no Diário do Governo, III Série, nº 231, de 15 de setembro de 1942. Neste documento, para além de serem citados os diversos alvarás de licença concedidos às termas até ao momento, é referido que a licença passada na altura a João Nunes Sequeira era por tempo ilimitado.

¹³Cf. http://www.aguas.ics.ul.pt/portalegre_fpereiro.html (consultado a 04/05/2014).

Bibliografia/ Fontes

COELHO, Possidónio M. Laranjo (2001), *Terras de Odiana – Subsídios para a sua história documentada. Medobriga – Aramenha – Marvão. Ibn Maruán – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, nº 11 (ed. especial). Lisboa: Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri. (fac-simile da edição de 1924) pp. 395 – 402.

Diário do Governo, III Série, nº 231, p. 1896.

FREIRE, A. Pimenta (1912). *Marvão – A Estação Thermal da Fadagoza. Época balnear de 1911 (Julho, Agosto e Setembro)*. s/a (1912). Lisboa: Centro Typ. Colonial.

GUERRA, Alberto. (s/d) "Termas da Fadagosa" in *Album Alentejano: distrito de Portalegre*, Tomo III. Lisboa: Imprensa Beleza, p.818.

PAÇO, Afonso do, ALMEIDA, Fernando (1962). "Duas inscrições romanas inéditas do Museu de Marvão" in *Revista de Guimarães*, vol. LXXII. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, pp. 145 – 150.

Memórias Paroquiais de 1758, presentes em: <http://www.portugal1758.di.uevora.pt/index.php/lista-memorias/152-marvao/5189-marvao-santo-antonio-das-areias> (consultado em dez. 2019).

http://www.aguas.ics.ul.pt/portalegre_fpereiro.html (consultado a 04/05/2014).

José Maria Garcia Gavanha, 94 anos à data da recolha (2019).

Fotos da autora, Jorge de Oliveira e Emília Mena.